

CMP 3.2.2.351
↓ ↑ ↑

Americana recupera a obra de Júlia Lopes de Almeida

MARIA CARNEIRO DA CUNHA

Muito já se falou na falta de memória cultural dos brasileiros, no esquecimento fácil a que são relegadas, entre nós, personalidades que tiveram importância ou fizeram sucesso em tempos não tão distantes. Assumem, por isso, especial interesse, as pesquisas de história literária, como a que está sendo realizada pela americana Dawn Jordan em torno da escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida, falecida em 1934 e nossa principal mulher de letras nas primeiras décadas deste século.

Dawn, licenciada em literatura comparada pela Universidade do Estado de Nova York, acentua, entretanto, que seu interesse pelo Brasil e pela cultura brasileira é coisa bem mais antiga. "Não é um interesse meramente acadêmico e sim existencial. Quando eu tinha 17 anos vim ao Brasil, pela primeira vez, através de um programa de intercâmbio entre estudantes, e essa experiência me deixou uma profunda impressão. Foi ela que me levou a fazer pós-graduação em literatura portuguesa e brasileira e escolhi o curso da Universidade de Indiana, por ser considerado um dos melhores dos EUA nesse campo de estudos."

"Meu orientador, o professor brasileiro Heitor Martins — prossegue ela — foi quem chamou a minha atenção para Júlia Lopes de Almeida, à qual resolvi dedicar minha tese de mestrado. Em 1978, obtive uma bolsa da Fundação Fullbright e voltei ao Brasil para fazer a pesquisa in loco. Eu tinha uma carta de apresentação para o professor Plínio Doyle, atual diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e foi por seu intermédio que entrei em contato com a família de Júlia Lopes de Almeida, especialmente com sua filha, D. Margarida, a conhecida declamadora."

Foi então que, segundo Dawn, se iniciou o que ela considera o aspecto mais importante da experiência. "Meu relacionamento com D. Margarida tem sido muito rico não só para os fins da tese, mas também sob o aspecto humano. Ela teve em relação a mim atenções comoventes e colocou ao meu alcance inúmeros documentos de sua coleção privada. Ela tem um justificado culto pela mãe, da qual foi a principal amiga e confidente e é capaz de recitar de cor trechos inteiros de sua obra. Durante quase um ano, passei pelo menos duas tardes por semana conversando com ela, que me proporcionou um retrato de corpo inteiro e ao vivo da mãe, preciosamente conservado em sua memória."

A respeito de Júlia, Dawn afirma: "Dentro do espírito de seu



Júlia Lopes de Almeida com sua filha Margarida, em 1933.

tempo e nas condições que limitavam a existência de uma mulher intelectual, ela foi indubitavelmente um dos espíritos progressistas de sua época. Defendia idéias como a do divórcio, a atuação da mulher em todas as profissões e foi, ao lado de Bertha Lutz e algumas outras, uma das batalhadoras pela conquista do direito de voto pelas mulheres brasileiras. Ela as defendeu principalmente em suas crônicas de jornal, que escreveu por quase vinte anos."

Autora também de vinte romances, dois livros de contos, várias peças teatrais e numerosos livros didáticos e de literatura infantil, seus livros eram realmente populares, alcançando alguns quase trinta edições. Para dar uma idéia do prestígio que desfrutava, uma de suas peças, intitulada "Quem Não Perdoa" (história do conflito de uma moça contra a autoridade dos pais, que termina com sua saída de casa), foi uma das primeiras a ser representada no Teatro Municipal do Rio, recém-inaugurado.

Por isso mesmo, Dawn estranha o quase esquecimento a que ela está relegada atualmente. "Em algumas grandes enciclopédias, o verbete a seu respeito tem apenas cinco linhas e em muitas histórias da literatura brasileira publicadas mais recentemente, ela não é sequer citada. Não encontrei nenhuma obra especificamente dedicada a Júlia e isso me obrigou, na parte de coleta de dados, a um trabalho de desbravamento quase braçal", diz ela.

Essa pesquisa ainda não está terminada e Dawn veio para São Paulo porque precisava consultar a coleção de "O País" (jornal onde Júlia escreveu por doze anos), pois era impossível fazê-lo no Rio, por causa de um remanejamento para obras na Biblioteca Na-

cional. Ela pretende acabar de redigir a tese (em inglês) até julho deste ano, limitando-se a um estudo descritivo, que poderá mais tarde ser completado por um estudo interpretativo. "Eu gostaria, porém, de ter mais elementos que me permitissem reconstituir o ambiente em termos sociológicos, para verificar até que ponto Júlia Lopes de Almeida constituiu um modelo para as mulheres de sua época."

Nascida em 1862 no Rio e criada em Campinas, Júlia era de uma família tradicional (seu pai recebeu depois o título de Visconde de São Valentim). Segundo Dawn, a escritora não ultrapassou em sua obra os limites de sua classe. "E nem poderia ser diferente — diz ela — porque, para alcançar a autenticidade tinha que descrever o ambiente que conhecia melhor. Isso não impede, no entanto, que em muitos de seus livros transpareça a intenção de transmitir uma mensagem social. Uma de suas principais preocupações era a das condições do trabalhador rural brasileiro (a industrialização era incipiente), para o qual chegou a escrever um diário, onde ele poderia registrar suas experiências."

—O tema também é abordado em "Correio da Roça", um romance epistolar bastante curioso.

Os críticos consideram como seus melhores livros "Ansia Eterna" (contos) e "A falência" (romance) de inspiração naturalista, mas bem mais discretos que os de um Maupassant ou um Zola. Este último (reeditado recentemente pela Hucitec, em convênio com a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, seguindo uma sugestão de Paulo Duarte) constitui um bom exemplo. "Narra a história de uma mulher que trai o marido, mas Júlia mantém em relação ao adultério da personagem, uma atitude neutra. Apenas mostra as circunstâncias sociais e psicológicas que o tornavam quase uma fatalidade", observa Dawn.

Após o encerramento desta tese, Dawn Jordan gostaria de continuar a pesquisar nossa literatura, especialmente a feminina. "Gostaria de escrever algum dia uma pequena história da literatura feminina no Brasil, para uso em universidades americanas, e comecei até a fazer algumas pesquisas bibliográficas nesse sentido. Mas logo me convenci de que é uma tarefa praticamente impossível para uma só pessoa. O ideal seria trabalhar ao lado de pesquisadoras brasileiras, que estivessem interessadas na recuperação da história da mulher neste País que tanto me atrai", finaliza ela.



A escritora era membro da Federação pelo Progresso Feminino.